



Em 24 de agosto de 1954, Vargas foi encontrado morto

Getúlio preferiu um tiro no peito à deposição

Há 30 anos, o suicídio que entrou na história

A ascensão política de Getúlio Vargas, visto ao longo destes 30 anos que sucederam à sua morte, como o "salvador do Brasil", começou em uma época em que já existiam cerca de dois milhões de desempregados no país. A crise mundial deflagrada com a quebra da Bolsa de Nova York, havia traduzido sérias consequências para a economia brasileira, determinando o fechamento de 579 fábricas em São Paulo e no Rio de Janeiro e o pânico se alastrava entre os fazendeiros e a fome e o desemprego assolavam o povo.

Foi nesse clima que o então governador do Rio Grande do Sul, gaúcho de São Borja, Getúlio Dornelles Vargas, dirigiu sua campanha como candidato presidencial da Aliança Liberal. As eleições realizadas em 1º de março de 1930, primeiro dia do

carnaval, foram vencidas por Júlio Prestes, de forma considerada fraudulenta pelos opositores, por uma diferença de mais de 300 mil votos. Com as eleições definitivamente perdidas nas urnas, não restava à Aliança Liberal outra alternativa que não fosse a revolução.

Ela realmente começou em 3 de outubro de 1930, em manobra conjunta articulada entre o Rio Grande do Sul, a Paraíba e Minas Gerais. Prudentemente, Júlio Prestes, presidente eleito e que jamais tomara posse, seguiu para um protetor asilo no Consulado da Inglaterra, enquanto num clima de liberação de velhas frustrações, no dia 29 de outubro, com a Revolução já vitoriosa, Getúlio Vargas chegava a São Paulo com seus companheiros de armas. De São Paulo seguiria depois para o Rio, pa-

ra ocupar o Palácio do Catete, então sede do governo brasileiro.

"As concessões"

Em 1931, a classe trabalhadora foi agraciada com algumas concessões, como a regulamentação do trabalho feminino e dos menores, proibindo-se a demissão de mulheres grávidas. No ano seguinte, foi regulamentado o trabalho na indústria e no comércio e a jornada de oito horas — velha aspiração dos trabalhadores — é fixada por lei. Durante o governo provisório (1930-1934), Vargas procurou resolver a crise do café, responsável por cerca de 50% das exportações brasileiras. Para valorizá-lo recorreu ao expediente de queimar os excedentes, o que não impediu que a crise continuasse por muitos anos, com grandes prejuízos para a economia paulista. Ainda nesse período criou o Ministério de Educação e Saúde e o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio.

Depois do movimento revolucionário de São Paulo, de 1932, que defendia o regime constitucional, o governo provisório resolveu convocar uma Assembleia Constituinte. A Constituição promulgada em 1934 consagrava a vitória do trabalhismo no Brasil: além dos deputados votados pelo povo, havia na Câmara os deputados classistas, escolhidos pelas associações profissionais e pelos sindicatos. Mas as agitações provocadas pelos comunistas, com a revolta de 1935 e pelos integralistas foram o pretexto para o governo acabar com o regime constitucional e estabelecer a ditadura do Estado Novo, em 1937.

Desde 1935, a repressão feroz desencadeada por Getúlio e seus "braços fortes" encheu as cadeias das principais cidades brasileiras. Durante o Estado Novo, o Tribunal de Segurança Nacional, instituído em 1936, continuou sua tarefa devastadora e Getúlio se aproveitou do "estado de guerra", que lhe dava poderes excepcionais para julgar seus adversários políticos como Armando Sales de Oliveira, Otávio Mangabeira, Flores da Cunha, Paulo Duarte e Júlio de Mesquita Filho. Nesse período também estiveram sob censura total a imprensa e até mesmo a música popular, último reduto de cultura das classes pobres.

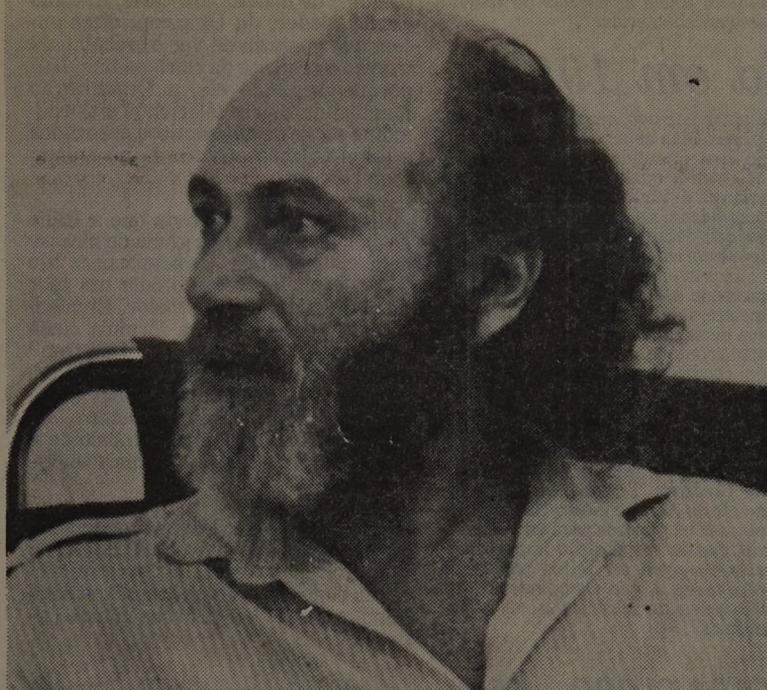
Entretanto, foi no Estado Novo, durante a Segunda Guerra Mundial, que se estabeleceu no Brasil a indústria de base. Criada a Companhia Siderúrgica Nacional, iniciou-se imediatamente a construção da Usina de Volta Redonda. Ainda no Estado Novo foi encontrado petróleo em território brasileiro, no Estado da Bahia, e fundada a Petrobrás. A participação do país na Guerra e a vitória das nações democráticas não se poderia mais manter o regime político chamado Estado Novo e por esta razão, iniciou-se um período de redemocratização, com Getúlio sendo deposto em 1945 para que se realizassem eleições para presidente, deputados e senadores.

A volta ao poder

Mas ferido e desprezado, o egocêntrico Getúlio que já tinha se convencido ser um herói popular, não se sentia feliz em seu retiro. Ser reconduzido ao Palácio do Catete nos braços do povo seria grande desforra. A campanha foi trabalhosa e eficaz e ele acabou sendo eleito por mais de 3 milhões de votos mas às esperanças grandiosas de 1951, quando assumiu, se seguiu o desapontamento e uma série de crises que o próprio Getúlio reconheceu não esperar.

O suicídio

Pressionado por antigos colaboradores e recusando a renúncia, Getúlio Vargas, temendo ser deposto, suicidou-se com um tiro no dia 24 de agosto de 1954. Esta atitude trágica, segundo o historiador Ítalo Tronca, é perfeitamente condizente com a personalidade de Vargas. "Não se constrói um mito impunemente. O próprio Vargas, no final, se convenceu de que só ele seria a salvação para o país. Quando se viu na iminência de perder o poder pelas mãos das mesmas pessoas que ele próprio alimentou, não é estranho que tenha dado um tiro no peito".



Ítalo Tronca: "mito legitimou a dominação"

"O mito Vargas, uma criação estratégica"

A popularidade póstuma de Getúlio Vargas, chamado historicamente de "pai dos pobres" é qualificada pelo historiador Ítalo Tronca, do Departamento de História da Unicamp, como a "memória dos vencedores". Para ele, Getúlio significou para o país apenas um aperfeiçoamento das estratégias de dominação e a caracterização de "pai dos pobres" nada mais foi do que a criação de um mito para legitimar essa dominação.

Especialista na história do Brasil a partir da República, Ítalo Tronca diz que sua análise nunca acompanhou a da maioria dos historiadores, que ainda identificam hoje o governo de Vargas como responsável pela entrada do país no mundo da indústria. "Eles partem do pressuposto que as classes operárias no Brasil sempre foram fracas e que não poderiam sequer ser denominadas classes sociais se comparadas aos parâmetros europeus. Mas dizer que o Brasil não tinha indústrias antes de Vargas é no mínimo ingenuidade. Antes de 30, São Paulo e o Rio já tinham grandes fábricas e um grande operariado. E essa classe lutou muito para ter alguns direitos que a CLT - Consolidação das Leis do Trabalho, instituída por Vargas em 1943, apenas consolidou, como o próprio nome diz".

Na realidade, segundo Ítalo Tronca, a CLT acabou sendo a marca da derrota dos trabalhadores. "O discurso ideológico eminentemente nacionalista de Getúlio Vargas deu um caráter de outorga, de presente à CLT. Mas direitos como o de férias anuais e a regulamentação do trabalho das mulheres e crianças já haviam sido conquistas difíceis da luta trabalhista. Em 1937 Vargas deu um golpe final nos trabalhadores, institucionalizando a violência que até então era esporádica, suspendendo as eleições, anulando a Constituição de 1934 e outorgando outra. Nessa épo-

ca os trabalhadores perderam seus grandes canais de manifestação, os partidos políticos, os grupos anarquistas e os sindicatos que foram transformados em órgãos representativos do Estado e não dos trabalhadores".

A intenção de Vargas, em conter o avanço do operariado brasileiro, de acordo com Ítalo Tronca, remonta ao primeiro decreto realmente importante do governo ditatorial. Seu primeiro ato importante foi a criação do Ministério do Trabalho o que mostra sua preocupação em deter a efervescência da luta do operariado".

De Vargas até hoje, muita coisa mudou na realidade brasileira. Mas Ítalo Tronca diz que a CLT continua firme e intocável exatamente porque, no fundo, as oposições também fazem parte do pacto de elites - "que domina o país até hoje" - e é instrumento central de controle da exclusão dos trabalhadores da vida política brasileira. "Os trabalhadores foram colocados em um mundo à parte".

Nacionalismo para escamotear

O nacionalismo de Getúlio Vargas, considerada uma das mais importantes facetas de sua personalidade, que resultou na criação da siderurgia e das indústrias de base e na instituição do monopólio estatal do petróleo - quem não se lembra da célebre frase "o petróleo é nosso" - pressupõe também, segundo Ítalo Tronca, outros instrumentos de dominação. "O nacionalismo pressupõe a suspensão da luta de classes e é uma excelente doutrina para escamotear a exploração do trabalho em nome da grandeza nacional. Getúlio sempre foi hábil em utilizar esse discurso nacionalista".